

## **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ENQUANTO ÁREA DE LINGUAGENS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO SURDO**

Lara Luiza Ottoni Grijó\*

### **RESUMO**

O surdo tem um histórico de marginalização na sociedade e acaba sendo prejudicado em vários contextos, dentre eles o escolar, o qual vamos explorar com objetivo de diagnosticar as falhas no processo de ensino de pessoas surdas nas escolas regulares e de mostrar a importância da educação física escolar no processo de ensino aprendizagem desse aluno analisando a contribuição da disciplina para formação dele como cidadão e sujeito crítico. É preciso que a escola promova um ambiente bilíngue aos alunos e que todos os envolvidos estejam dissolvidos nesse contexto. O professor de educação física entra nesse enredo como peça-chave, já que dispõe de ferramentas que colaboram no desenvolvimento da linguagem e expressão. A princípio, a metodologia utilizada seria a pesquisa de campo, a fim de coletar, por meio de entrevistas, dados para análise. No entanto, devido à pandemia da COVID-19 e as regras para a prevenção da doença, fez-se necessário alterar a metodologia para revisão bibliográfica, objetivando discorrer sobre as literaturas que tratam da importância da educação física e de uma educação bilíngue para a formação dos alunos surdo. Em vista disso, observa-se que a educação física e a Libras são de extrema importância para aprendizagem do aluno, e conclui-se que é necessário voltar mais esforços a esses pilares da formação desse aluno para amplificar seus resultados de aprendizagem.

**Palavras Chaves:** Surdos; Educação Física; Aprendizagem.

### **ABSTRACT**

The deaf has a history of marginalization in society and ends up being harmed in various contexts, including the school, which we will explore to diagnose the flaws in the process of teaching deaf people in regular schools and to show the importance of physical education in the teaching-learning process of this student, analyzing the contribution of the discipline to the formation of him as a citizen and critical subject. It is necessary that the school promotes a bilingual environment for students and that everyone involved is dissolved in this context. The physical education teacher enters this plot as a key part since he has tools that collaborate in the development of language and expression. At first, the methodology used would be field research, to collect, through interviews, data for analysis. However, due to the COVID-19 pandemic and the rules for the prevention of the disease, it was necessary to change the methodology for a bibliographic review aiming to discuss the literature that deals with the importance of physical education and bilingual education for the training of students deaf. Given this, it is observed that physical education and Libras are extremely important for student learning, and it is concluded that it is necessary to return more efforts to these pillars of student education, to amplify their learning results.

**Keywords:** Deaf; PE; Learning.

---

\* Acadêmica do 8º período do Curso de Graduação em Educação Física da Faculdade Multivix.

## INTRODUÇÃO

O contexto atual revela marcas da origem da educação dos surdos, no qual eles eram tratados como doentes. Ainda hoje podemos ver resquícios desse discurso. Como sugere Maura Corcini Lopes:

Na conjunção que se estabeleceu entre a educação especial e a medicina social, desde os primórdios da institucionalização dos “deficientes”, encontrou-se respaldo científico para melhor classificar esses sujeitos como base em supostos parâmetros de normalidade, criando e mantendo um ritual perverso como base sustentadora desse ciclo de sujeição (LOPES, 2012, p. 21).

A sociedade e os especialistas se esforçam para classificar e identificar o sujeito surdo. Médicos e professores de diferentes áreas olham para essas pessoas como aquelas que possuem uma deficiência e precisam ser normalizadas, e a cada leitura que fazem inventam novas formas de posicioná-las nos aspectos social, político, econômico, jurídico e educacional. Muitos rótulos são colocados e fazem a sociedade achar que não é possível ser amigo de um surdo ou mesmo conversar com ele, pois alguns ainda pensam que a língua de sinais é mímica e não sabem a diferença entre sinais e gestos, ou língua e linguagem.

Historicamente, o sujeito surdo vem sendo exposto a um processo de “sujeição” construído pelos discursos hegemônicos que vinculam a surdez às questões médicas. Dentro da própria escola esse processo ocorre e a Educação de surdos vem aos poucos encontrando subsídios – como a língua de sinais - para se legitimar no contexto escolar.

Segundo o art. 14 e 15, respectivamente, do Decreto 5026 de dezembro de 2005:

As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior portanto a escola deve proporcionar ao aluno tudo aquilo que lhe é de direito” (DECRETO 5026, 2005).

No entanto, o que acontece hoje é que a escola não insere as leis ou as inserem parcialmente e o aluno não é incluído no contexto escolar da forma que deveria, e a sua comunicação se restringe ao intérprete. Quanto aos demais professores e colegas, há apenas o convívio, sem muita interação ou trocas. Percebendo esse contexto, se faz necessário questionar a formação desse indivíduo e se aprofundar na importância da educação física e suas dimensões para a formação sociocultural do aluno surdo utilizando de ferramentas que possam proporcionar sua comunicação e conseqüentemente o desenvolvimento do sujeito crítico.

O Brasil precisa de mudanças na área da educação, principalmente no que se diz respeito à educação especial e a educação dos surdos, visando alcançar um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo. Ao atingir esse objetivo inicial, iremos proporcionar uma educação digna ao aluno surdo, colaborando para a sua formação como sujeito para que se torne um cidadão e ser humano completo. A união com a comunidade e a família, as ações governamentais e a formações dos professores também são fatores que influenciam no sucesso dessa formação, como sugere Celina Martins:

O apoio do governo é indispensável no que se refere à oferta formativa especializada e à melhoria dos recursos materiais e apoio técnico das escolas. Contudo, é na capacitação dos vários agentes educativos que deve assentar a transformação do próprio sistema de ensino. Para que a inclusão se efetive nos diferentes contextos sociais, é, portanto, necessário promover iniciativas de formação e reflexão Inter setoriais, entre profissionais da escola, da saúde e dos serviços sociais, ampliando os vínculos com as famílias e comunidade (MARTINS, 2014, p.651).

Dessa forma, o presente trabalho pretende discorrer sobre o assunto e aprofundar as informações relativas ao tema da surdez através da pesquisa bibliográfica, revisão da literatura e análise de documentos oficiais. A pesquisa busca investigar a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da disciplina de Educação física enquanto área de linguagens na formação sociocultural e afetiva do aluno surdo, afinal como destaca VYGOTSKY (1984):

através da língua nós construímos plenamente como seres humanos, construímos nossas identidades e subjetividade, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender o mundo que nos cerca – e é nesse sentido que a linguagem ocupa “um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores (VYGOTSKY *apud* GESSER, 2009).

## DESENVOLVIMENTO

Segundo RECHINELI et al. (2008, p.297), a preocupação com os corpos deficientes, sendo a educação uma das áreas mais envolvidas nesse processo, é marca significativamente o início do século XXI. Os acontecimentos históricos evidenciam esse período de transição e evolução do pensamento a respeito da deficiência mostrando a transformação do pensamento do corpo doente para o corpo diferente e os avanços tecnológicos que foram transformando a vida desses sujeitos.

Dentro das escolas também houve mudanças gradativas com a criação e implantação de novas leis e a ressignificação de algumas disciplinas, como a educação física, a qual sofreu muitas mudanças desde que foi efetivamente implantada no âmbito escolar em 1920. Em um primeiro momento a temos com a concepção militar higienista, na qual os alunos com deficiência eram proibidos de participar das aulas e a maior preocupação era com a eugenia da população. Após isso, vivemos a fase tecnicista, ainda aliado ao militarismo, proposta que excluía tanto as pessoas com deficiência quanto as menos habilidosas.

Rechineli et al. (2008) relembra que no final da década de 1970 passou-se a discutir uma grande mudança a fim de romper com a valorização excessiva do desempenho na disciplina de Educação física e surgem novos movimentos e propostas pedagógicas mais adequadas para que o aluno se desenvolva de forma física, cognitiva e afetiva.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a disciplina de Educação física se insere no campo das linguagens e tem o objetivo de ressignificar a relação do aluno com seu próprio corpo, tenha ele uma deficiência ou não, considerando o corpo em movimento uma linguagem a partir do momento em que ele está inserido em uma cultura, na qual seus símbolos sejam ricos em significado. É o que ocorre no caso do sujeito surdo, o qual está inserido na sociedade e no ensino regular, mas transita entre as culturas ouvinte com a

língua portuguesa e surda com sua língua materna, a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Consideramos que o movimento humano assume caráter de linguagem quando deixa de ser apenas um fenômeno físico e passa a ter uma intencionalidade. Dessa forma, compreendemos que na educação física desenvolvemos aspectos da cultura corporal de movimento baseados nos princípios dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) buscando desenvolver as dimensões cognitivas, motor e socioculturais do aluno. Segundo os parâmetros temos:

O documento de Educação Física traz uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos (PCNs, 1997-98-99).

Dentro das escolas é importante seguir os parâmetros que norteiam o ensino, pois eles são a base para uma educação adaptada e inclusiva servindo de manual para os professores. Essas leis e decretos devem ser seguidos desde a educação infantil, no princípio da educação do aluno, quando ele tem os primeiros contatos com o meio escolar.

Segundo o Referencial Nacional para Educação Infantil (RCNEI), as estratégias e orientações para a educação de crianças com necessidades educacionais especiais têm por objetivo propiciar a realização do trabalho do professor com alunos surdos. Este referencial serve para direcionar o trabalho educacional em creches e pré-escolas, por meio de esforço conjunto dos órgãos políticos competentes da educação, saúde e bem-estar social (BRASIL, 2000, p. 48 *apud* GODOI et al., 2013, p.38).

As crianças ouvintes desenvolvem sua língua devido ao contato com pessoas que falam a mesma, já as crianças surdas, geralmente, só têm o primeiro contato com pessoas fluentes em língua de sinais na escola, e mesmo assim ainda são poucas, o que já as deixam em desvantagem. Segundo Sacks (2010), apenas por meio da língua entramos plenamente no estado e cultura humanos e através

dessa comunicação com nossos semelhantes adquirimos e compartilhamos informações. Portanto, a interação com outras pessoas nos ajuda a formar nossa própria cultura e identidade, e quando não há essa troca de experiências esse processo fica defasado.

A falha no processo de ensino se dá pela implementação lenta ou parcial das leis nas escolas, além, também, da falta de capacitação do professor que não está preparado para lidar com o diferente e não possui uma formação suficientemente sólida para que ele transfira o conhecimento ao aluno de maneira adequada, sendo que a lei determina diversos pontos da formação desse professor, tais como os seguintes previstos em lei:

Data de 2005, o Decreto nº 5. 626/05 regulamenta a lei 10.436/02 e a lei 10.098/00. O Artigo 3º institui que a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios; Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue (GODOI, P; SANTOS, M. F; SILVA, V. F. Tupã, 2013, p.38).

Dentro da própria escola são poucas as pessoas que se dispõem a se comunicar com o aluno surdo, até o próprio professor de educação física que tem, teoricamente, um maior conhecimento sobre a expressão corporal e a linguagem, não se esforça para se adequar e adaptar suas aulas a fim de promover a formação plena desse aluno que sai do ambiente escolar “incompleto” e sem boas lembranças.

Os professores regentes têm papel imprescindível na formação do aluno, uma vez que ele estará a maior parte do tempo com o estudante. O intérprete também é de extrema importância, já que é a partir da interpretação e tradução dele que o discente vai interagir, ou seja, a formação plena do aluno surdo depende de uma ação conjunta.

Todo o corpo estudantil deve emergir na cultura surda e os principais agentes da formação desse aluno devem se esforçar para propiciar um ambiente bilíngue,

assim a criança terá acesso a outras pessoas que utilizam a língua de sinais aprendendo naturalmente pelo fluxo de comunicação em que vai estar inserida.

A maioria das crianças surdas vem de famílias ouvintes que não tem conhecimento da língua de sinais, por isso é extremamente importante a imersão escolar na primeira língua da criança para que ela desenvolva as demais questões cognitivas. Dentro da disciplina de Educação física podemos trabalhar de forma lúdica facilitando o processo de ensino e aprendizagem, despertando no aluno a criatividade e o ajudando a construir significados de signos do ambiente a sua volta através de danças, jogos, esportes ou lutas.

Somos permeados por múltiplas culturas e é justamente o pluralismo cultural que enriquece as trocas de experiências contribuindo na formação do sujeito, e a Educação física utilizando o seu currículo tem a capacidade de potencializar essas trocas, enfatizando a expressão e a comunicação, além de indagar valores de respeito e cooperação. Portanto, devemos inserir a cultura surda nas aulas e proporcionar um ambiente inclusivo, onde a comunicação aluno-professor, professor-aluno e aluno-aluno ocorra da melhor forma. Esse contexto tem que ser aplicado com urgência, pois o que se vê hoje na escola é uma falsa inclusão e a cultura surda ainda inferiorizada perante as demais.

É importante mudar a concepção da surdez e da língua de sinais que ainda temos e romper com o discurso de “patologia a ser curada”, reconhecendo a surdez apenas como diferença cultural e abrindo nossos olhos para as capacidades psicoculturais dos surdos. Nesse caso, um professor/intérprete apenas não basta, deve-se implantar práticas bilíngues e biculturais nas escolas, e a Educação física deve iniciar ou fortalecer esse movimento.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou contribuir para a melhora da formação escolar de pessoas surdas por meio dos conteúdos bibliográficos pesquisados, a fim de diagnosticar as falhas no processo de ensino de pessoas surdas nas escolas regulares; esclarecer mitos sobre a pessoa surda e a língua de sinais; descrever a importância da integração da escola, na mudança de hábitos do cotidiano e implantação de um ensino bilíngue e demonstrar a importância da Educação física escolar no desenvolvimento da linguagem e expressão do aluno surdo e a sua contribuição para a formação do indivíduo.

O trabalho partiu da hipótese de que o currículo da Educação física, levando em conta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os PCNs, tem a capacidade de potencializar as trocas durante as aulas, indagando valores de respeito e cooperação, proporcionando um ambiente propício à inclusão, e é nesse ponto em que somos agentes da mudança na prática. As análises confirmaram a hipótese, pois se observa uma abertura maior dos alunos com a Educação física, uma vez que a disciplina desperta maior afetividade, expressividade e liberdade, o que contribui para o processo de aprendizagem.

Buscar desmistificar algumas informações sobre a surdez que são tidas como verdade, por exemplo, a interpretação da surdez como patologia, além de outros problemas como a formação defasada dos professores e a falta de recursos, nos fizeram pensar ainda mais sobre a questão e pesquisá-la mais a fundo.

Mediante o exposto conclui-se que existem diversas falhas na formação do aluno surdo, mas o professor de educação física tem a capacidade de contribuir para uma melhora significativa na formação desse indivíduo principalmente no contexto socioantropológico e esse trabalho serve de embasamento teórico sólido para os professores que querem iniciar um processo de intervenção, pois reúne diversos conteúdos bibliográficos de diversos autores e cruza a visão deles construindo sólidas pontes de conhecimento.

Para desenvolver esse projeto de pesquisa utilizou-se uma revisão bibliográfica, estabelecendo conexões entre várias vertentes do tema dentro da bibliografia e



dos documentos para análise. A falta de informações e dados foi uma das dificuldades encontradas para o desenvolvimento da pesquisa, mas o principal intercorrência durante o projeto foi a pandemia da COVID-19 que impediu que a metodologia abrangesse o estudo de campo e se limitasse a revisão bibliográfica.

Espera-se que este trabalho sirva de base para as próximas pesquisas e que os estudiosos consigam se aprofundar na questão abordada, explorando o contexto do qual se trata de forma presencial, colaborando dessa forma para a melhoria da educação dos surdos e a maior participação dos professores de educação física nesse processo.

**REFERENCIAS**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 25/06/2021

BRASIL. Decreto-lei n.º 5026, de 22 de abril de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Presidência da República**. Brasília, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. **Acesso em:** 25 jun. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf) **Acesso em:** 25 jun. 2021

DUARTE, Leticia. Educação física como linguagem. **Revista de Educação Física**. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista- UNESP, Inst. Biociências, v. 16, n. 2, p. 292-299, 2010.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da Língua de sinais e da realidade surda. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GODOI, P; SANTOS, M. F; SILVA, V. F. **Língua Brasileira de Sinais no Contexto Bilingue**. Tupã, São Paulo, 2013. 38 p. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização) – Faculdades FACCAT. Disponível em: <<https://monografias.brasile scola.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-sinais-no-contexto-escola-bilingue.htm>>. **Acesso em:** 25 jun. 2021

LOPES, Maura. **Cultura surda & Libras**. 1. ed. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Unisions, 2012.

MARTINS, Celina. Educação física inclusiva: atitudes dos docentes. **Movimento Revista de Educação Física da UFRGS**. v.20, n.2, abr/jun 2014. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/40143>>. **Acesso em:** 10 fev. 2021

RECHINELI, Andrea. PORTO, Eline. MOREIRA, Wagner. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão da Educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v.14, 2008. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/rbee/a/Kd3GKHzFrsTNBrrFGwbXSGx/abstract/?lang=pt>>. **Acesso em:** 11 fev. 2021

SACKS, Oliver. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.